

Musicoterapia em Ribeirão Preto

*Mt Claudia Lélis*¹

Gostaria de agradecer o convite para participar desta *mesa redonda* e cumprimentar os colegas musicoterapeutas do Brasil e do exterior.

O curso de graduação em Musicoterapia de Ribeirão Preto teve início em 1994. Como todo "Filho caçula" tem seus privilégios, temos tido a contribuição muito valiosa dos colegas de São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba; no que diz respeito à grade curricular, programas de disciplinas e mesmo com palestras e cursos de extensão. Deixo aqui o meu agradecimento e reconhecimento aos cursos e musicoterapeutas pioneiros no Brasil.

O curso de musicoterapia foi criado na Universidade de Ribeirão Preto, que é uma instituição particular, sob a coordenação da Prof. *Maria Helena Cury*, com a ajuda da *Mt Maristela Smith*. Tivemos a vantagem de ter quase todos os professores já contratados, mas estes vêm de outros cursos e pouco sabem de Musicoterapia. Estamos tentando despertá-los pra importância da interdisciplinariedade para que possamos fazer a ponte entre uma disciplina e outra. Mas, não tem sido fácil! Por outro lado, estamos em fase de acabamento do Ambulatório da Musicoterapia, onde temos duas salas: uma para atendimento em grupo, outra para atendimento individual, com todo material sonoro necessário. Neste sentido acho que é um bom começo, visto que na cidade, não existe nenhum trabalho sistematizado de Musicoterapia. E este ambulatório, visa atender a comunidade local e também ser um laboratório para os próprios alunos.

Contamos atualmente com 43 alunos no 1º e 2º anos do curso de Graduação, que hoje já podem ter acesso a outras faculdades e bibliotecas via INTERNET, através do setor de Multi-Atendimento da Unaerp, à sua disposição. Muitos alunos se associaram à Ape-mesp (Associação de Profissionais e Estudantes de Musicoterapia do Estado de São Paulo) visando uma maior integração como futuros profissionais.

Gostaria de fazer algumas considerações sobre as recomendações feitas no encontro *Latino-Americano*, sobre a formação do musicoterapeuta Brasileiro:

¹ Musicoterapeuta, professora de Musicoterapia da Universidade de Ribeirão Preto.

- 1- A necessidade do conhecimento musical prévio
- 2- A valorização e a vivência do aspecto cultural
- 3- Criação de novos espaços
- 4- Afinação do instrumento

1 - *Sobre a necessidade do conhecimento musical*

Se acreditarmos que a música é o *Grande Canal* de comunicação com o outro, possibilitando a abertura de novos canais, como pode um musicoterapeuta não saber música?

Somos levados, desde cedo, a separar razão/emoção, conhecimento científico/arte, fazer/sentir. Penso na arte, no nosso caso específico: a música, como a possibilidade do encontro. Encontros interiores, encontros exteriores.

Stephen Nachmanovitch, em seu livro "*Ser Criativo*" escreve: *A música me ensinou a ouvir, não apenas o som, mas quem sou.*

A técnica musical é necessária até para que possamos nos libertar dela. (Um bailarino que quer dançar dança contemporânea, tem que passar pela formação clássica). É necessário que eu saiba o que a música, o fazer musical significa e provoca em mim, para que eu possa estar aberto para acolher as manifestações sonoras do outro, e entrar com ele em ressonância. E ainda, possibilitar que esta comunicação sonora continue e se amplie e, como consequência, amplie o universo individual e social do outro. Seria a "Espiral sonora", que Lia Rejane conceituou tão bem.

Todos somos seres sonoros e a música faz parte de nossas vidas desde milhões de anos. Mas, a formação de um musicoterapeuta pede mais que esta bagagem cultural assimilada inconscientemente. Pede o aprofundamento das técnicas musicais e musicoterápicas.

Nos cursos de graduação, devemos ter oportunidade de diversificar e ampliar o conhecimento musical, e aprender novas maneiras de usá-lo no *Setting Musicoterápico*.

Quando falo da necessidade de libertar da técnica, penso em liberdade para criar, improvisar, *brincar* com os sons. Uso a palavra "brincar", no sentido que descreve *Johan Huizinga*, em "*Homo Ludens*", é ter o espírito livre para explorar.

A brincadeira, na forma livre de improvisação, desenvolve nossa capacidade de lidar com o mundo em constante mutação.

2 - *A valorização e a vivência do aspecto cultural*

Como disse o *Mt Joseph Moreno*, "*A história de nossa profissão tem aproximadamente 40 anos e as tradições de música e cura tem uma história de mais de 40.000 anos.*" E nos chama atenção para o respeito com estas tradições. A formação do musicoterapeuta deve

ter espaço para o conhecimento e a vivência multicultural. Sabemos tão pouco sobre a nossa cultura... *Mário de Andrade* em o "*Turista Aprendiz*" nos dá a dimensão desta riqueza cultural. Os cursos de musicoterapia podem ser laboratórios para pesquisar nossa cultura. Estamos carentes de pesquisa. Vejo aqui um outro campo de trabalho para o musicoterapeuta brasileiro que tenha esta veia pesquisadora...

3 - Criação de novos espaços

* *Espaço para pesquisa* - como citei acima. As instituições são um terreno fértil para o desenvolvimento de pesquisas. Na nossa profissão, quase tudo é pioneiro, em termos de registro de experiências e novas áreas de atuação. Precisamos registrar os dados e escrever sobre isto.

* *Espaço para intercâmbio* - Este simpósio é um grande momento de intercâmbio. Precisamos manter esta vela acesa entre um congresso e outro.

* *Espaço para discussão do aspecto social* - neste momento de crise em que vivemos no Brasil, vejo mais que necessário que nós, musicoterapeutas, nos mobilizemos para dar nossa parcela de contribuição. Certamente podemos fazer algo mais além dos atendimentos em consultórios. Alguns musicoterapeutas já trabalham em instituições públicas, que a meu ver, é uma porta aberta para um trabalho social.

E o último ponto que coloco é sobre:

4 - *Afinação do instrumento* - E aqui faço uma metáfora, falo não só do instrumento musical mas do instrumento interior.

Afinar o instrumento musical que tocamos é uma questão do aprendizado da técnica. Afinar o instrumento interior requer algo mais. Precisamos descobrir e ouvir a própria voz, descobrir o próprio potencial criativo. O conhecimento do processo criativo substitui a criatividade. Temos que experimentar. Conhecer os próprios limites, estimula a intensidade. Não os limites que nos são impostos, estes nos amarram. Mas, quando experimentamos os limites interiores, podemos aprofundar nossas relações. Seja através da Musicoterapia Didática, antes ou depois de formados, seja através da prática supervisionada, ou seja através do contato constante com a música cantada, tocada ou improvisada, estaremos cuidando desta afinação interior.

Quando improvisamos com alguém, estamos no campo da entrega e da aceitação. Um não sabe o que o outro vai tocar, mas deverão estar dispostos à compartilhar aquele momento.

Através da prática compartilhada podemos conhecer o poder dos erros. Os erros nos oferecem oportunidades imprevistas. *“A prática é auto-correção e refinamento, é trabalhar em busca de uma técnica mais clara e mais confiável”*. “Os erros e os lapsos”, como já disse Freud, “são informações inestimáveis do nosso inconsciente.”

Certamente, afinar o instrumento interior não é fácil, é uma opção de vida que requer além da técnica, a prática, o risco, a entrega, a alegria, a experiência sensível, enfim a coragem de ouvir a voz que vem do coração.

Como canta um músico mineiro: *“Viver é afinar um instrumento, de dentro pra fora, de fora pra dentro.”*